

CEDI

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : FSP

CLASS. : EALRO116

DATA : 21 02 89

PG. : capa
C-3



Wanderlan Cruz, líder da UDR de Altamira, na passeata pró-barragem; à dir., índios assistem debate contra a usina

UDR e índios se opõem no Pará

FERNANDO GABEIRA
Enviado especial a Altamira (PA)

Dez mil pessoas participaram ontem de uma manifestação organizada pela UDR em defesa

das hidrelétricas no Pará. A Prefeitura de Altamira decretou ponto facultativo e cedeu carros oficiais aos manifestantes. A população da cidade foi convencida de que a nova utopia

progressista chama-se barragem de Cararaô. O 1º Encontro das Nações Indígenas do Xingu, em protesto contra a barragem, começou às 9h. Na platéia, mais de mil brancos. **PÁG. C-3**

Manifestação pró-hidrelétrica reúne 10 mil em Altamira

Jorge Araújo

FERNANDO GABEIRA
Enviado especial a Altamira

Corações e mentes da população de Altamira (461 km a oeste de Belém) foram ganhos pela idéia de progresso com grandes barragens hidrelétricas, a julgar pela imponente manifestação organizada por várias entidades —entre elas a União Democrática Ruralista (UDR)— que colocaram mais de 10 mil pessoas nas ruas da cidade e fizeram desfilar mais de 200 veículos, entre carros e utilitários da área rural.

Diante da imprensa estrangeira, que desconhecia essa dimensão do problema, ficou claro que a UDR e os setores empresariais conseguiram convencer a cidade de Altamira —considerada o marco zero da Transamazônica— de que a nova utopia progressista é a barragem de Cararaó. Muitos dos habitantes que vieram para cá na década de 70 ainda esperam realizar os sonhos de riqueza que estavam implícitos na aventura amazônica.

O início da manifestação pró-barragem Cararaó, realizada duas horas depois do encerramento da primeira sessão do 1º Encontro das Nações Indígenas do Xingu, estava marcado para as 14h. Apareceram apenas umas 500 pessoas lideradas pelo presidente da UDR local, Wanderlan de Oliveira Cruz, 36, dono de uma casa de autopeças e de uma fazenda com 500 cabeças de gado. A Prefeitura de Altamira decretou ponto facultativo e pôs seus carros à disposição dos manifestantes.

Subitamente começaram a surgir carros de todos os pontos e, a partir da avenida Djalma Cruz, começaram a circular pelos principais áreas da cidade. A maioria deles estava repleto. O comércio fechou as portas e os donos das lojas aconselharam seus funcionários a participar da demonstração. Os slogans escritos nos carros e nos caminhões eram basicamente a favor da usina de Cararaó. Alguns falavam em ecologia. Outros diziam que Altamira não quer ser depósito de lixo atômico; logo, a única saída era Cararaó. Antes do começo da carreta pela cidade, alguns cavaleiros portando bandeiras da UDR. Foi no dorso de um deles que o presidente da UDR local afirmou que acreditava ser a barragem uma das soluções dos problemas da área e que faria uma grande moção de protesto, caso o governo não cumprisse com o

determinado pelo projeto inicial.

Os setores empresariais de Altamira preparavam esta manifestação há quase um mês. Algumas faixas foram colocadas depois da chegada dos estrangeiros e diziam: "Cararaó não será o general Custer que assassinou milhares de índios americanos". Foram comprados milhares de foguetes que eram disparados em vários pontos da cidade. O dia de ontem teve características de festa pois muitos caminhões cantavam por Cararaó, usando a palavra como no velho marcha de carnaval que dizia "Alalaó-Alalaóóóó".

A demonstração de força dos setores empresariais da cidade foi apenas um dos grandes momentos do dia. Às 9h, com uma cerimônia de boas-vindas dos caiapós, começou o 1º Encontro das Nações Indígenas do Xingu que expressou uma grande unidade de vários povos antigamente inimigos. A platéia de brancos no ginásio era de mais de mil pessoas, na maioria jovens e católicos.

Depois da cerimônia, que contou com a presença, entre outros, de Fernando César Mesquita, representando o governo federal, cada cacique falou um pouco sobre sua oposição em relação à barragem. Alguns já eram conhecidos como Davi Yanomami, que ganhou recentemente um prêmio das Nações Unidas. Araras, jurunas, assuaris, caiamis, potiguares, todas as tribos presentes expressaram solidariedade na luta contra a barragem de Cararaó.

O que mais fascinou os estrangeiros foi a intervenção dos pajés. Um deles, da tribo Arara, chegou a fazer com que todos os membros da mesa cheirassem uma planta medicinal que trouxera. Com isso ele queria demonstrar que existem muitas riquezas na mata que não podem ser destruídas com a barragem. Outro, o caiami Prepuri, tocou uma flauta para que, segundo ele, "os brancos acreditassem em suas palavras". O líder caiapó Paulo Payakan dirigiu os trabalhos na parte da manhã. Fernando César Mesquita falou que viera apenas tomar contato com o problema, não se comprometendo com nada. Espera-se uma nova intervenção sua hoje, mas a opinião que ele expressa reservadamente é a de que Cararaó faz parte de um projeto mais amplo de desenvolvimento energético no Brasil e dificilmente o presidente Sarney diria alguma coisa contra sua cons-

trução. A atitude do governo federal parece ser a de ouvir as partes envolvidas de uma forma ritualística, uma vez que não vai mudar de idéia e talvez não vá sequer começar a barragem porque seu tempo está se esgotando. Com essa tática, Sarney não vai se desgastar com ninguém, mas também não vai atender aos anseios de ninguém.

Ao longo da semana, serão realizadas manifestações de apoio e de oposição à barragem. Os setores religiosos são os mais envolvidos na oposição ao projeto. Na noite de ontem, 80 pessoas se reuniram na praça de Altamira para ouvir o que se passou em outros lugares onde se construíram barragens.

Nos debates que se realizam na praça de Altamira, discutiu-se a situação dos trabalhadores rurais e posseiros que serão atingidos pelas obras e não esperam receber indenização, a julgar pelas experiências anteriores. O Sindicato dos Trabalhadores Rurais trabalha com slogan "Queremos terra para plantar e não para alagar". Na opinião dos debatedores, o argumento da oposição a Cararaó é o fato de ela estimular um progresso concentrador de renda.

As duas emissoras de rádio de Altamira ontem divulgaram uma declaração do governador do Pará, Hélio Gueiros, dizendo que não admitia receber instruções de estrangeiros. Existiam também cartazes com os dizeres "Fora gringos" e "Ecologia, sim". O clima de nacionalismo de Altamira contra o resto do mundo não provocou, entretanto, nenhum incidente. Nas mesas dos bares, quando as televisões mostram os índios, se registram manifestações de hostilidade do tipo "deveriam estar todos mortos". Durante a manifestação de rua, as instruções eram de não ofender os índios e que o termo Cararaó deveria ser substituído apenas por barragem. "Nossos índios também são gente", diziam.

Pelos slogans que circulam nas ruas de Altamira, sente-se que houve um grande trabalho de convencimento da população. Um deles diz: "Brasil, não nos deixe no escuro" e algumas pessoas cantavam "Olé, olé, Cararaó está botando pra quebrar". A presença do cantor Sting e do cacique Raoni é esperada para hoje, enquanto que a do senador Mário Covas (PSDB) para quinta-feira.



Membro da União Democrática Ruralista (UDR), durante a manifestação pela construção da hidrelétrica de Cararaó

Governo reclama de pressão externa

Da Sucursal de Brasília

O secretário-geral do Itamaraty, Paulo Tarso Flecha de Lima, disse ontem que o governo brasileiro está "perplexo com as pressões internacionais" que o Brasil vem sofrendo na questão da Amazônia. "em nome de uma ética discutível". Ele fez esta declaração após uma longa reunião com o embaixador da França, Philippe Curvillier, e os encarregados de negócios da Noruega e da Holanda, que convidaram o presidente José Sarney para uma conferência sobre meio ambiente a ser realizada em Haia (Holanda), dias 10 e 11 de março. O governo brasileiro ainda não se decidiu sobre o convite, por temer que no encontro seja proposta a internacionalização, de forma direta ou indireta, da região amazônica.

Flecha de Lima criticou as "pressões" que, segundo ele, estão sendo exercidas "pela mídia internacional, por organizações não-governamentais, parlamentares de países de-

envolvidos e organismos internacionais de financiamento". Segundo o secretário-geral, "há necessidade de que a nação atente para o fato de que estamos sendo violentamente pressionados, inclusive pelo bloqueio de financiamentos internacionais". A posição oficial do governo sobre o assunto é de que "qualquer colaboração no sentido da preservação da Amazônia será bem-vinda, desde que se respeite o inalienável princípio da soberania brasileira sobre o território".

"Nós não abrimos mão do controle da Amazônia, quem manda lá é a República Federativa do Brasil", afirmou o diplomata. Ele acrescentou que "em função do interesse que os temas ecológicos despertam na mídia internacional e na esquerda brasileira", o Itamaraty criou a Divisão de Assuntos Humanitários e Meio Ambiente. "Através dela estamos recolhendo subsídios para o setor", disse. O primeiro destes "subsídios" é um relatório científico que nega a tese do "efeito-estufa"

(segundo a qual as queimadas na Amazônia estariam entre os fatores que provocam alterações na temperatura em outras regiões do mundo).

"Agora nós podemos provar que isso não existe", disse Flecha de Lima. "A ligação entre queimadas no Brasil e um presumível efeito-estufa não tem base científica", acrescentou. "O que se discute, agora, é o direito inalienável que têm os brasileiros de ter acesso tanto a fontes de financiamento internacional, como aos recursos e riquezas de uma parte de seu território".

Flecha de Lima ironizou a proposta do cantor Sting feita domingo ao presidente Sarney, da criação de um instituto para cuidar da preservação da Amazônia. "Este cantor, que eu nunca ouvi, pelo que soube não conhece formigas, pois sentou-se com jornalistas no gramado do Palácio da Alvorada e por elas foi atacado". Ele afirmou que a proposta de Sting será analisada, "se estiver enquadrada na jurisdição brasileira".

Tribunal da Natureza julga hoje a atuação do governo na Amazônia

Do correspondente em Belém

O governo brasileiro será submetido hoje, das 17h às 23h, a um julgamento simulado sobre suas responsabilidades na devastação e perda de identidade da Amazônia. O julgamento será feito, em Belém (PA), pelo Tribunal Amazônico da Natureza, promovido pela Federação das Associações de Engenheiros Agrônomos do Brasil e 22 entidades ambientalistas e de defesa dos direitos humanos.

Uma palestra sobre "Estado e Ecologia" feita pelo engenheiro agrônomo gaúcho José Lutzenberger, ganhador do prêmio Nobel alternativo de 1988 e presidente do tribunal, precederá a abertura dos trabalhos no Centro de Convenções da Fundação Tancredo Neves. O advogado Luis Ismaelino será o

coordenador de acusação e o advogado criminalista Américo Leal o de defesa.

As testemunhas serão representantes de instituições diretamente envolvidas com o processo de devastação da Amazônia e o júri será popular. O veredito vai ser revelado em conjunto pelo júri.

Os organizadores do tribunal temem que ele seja esvaziado devido à realização do 1º Encontro dos Povos Indígenas no Xingu, aberto ontem em Altamira (461 km a oeste de Belém). Mesmo assim, consideram que é uma boa opção de discussão dos danos causados pela construção dos grandes projetos na região para quem não pode ir a Altamira acompanhar os debates entre índios Caiapós e o governo sobre a hidrelétrica de Cararaó, que será construída no rio Xingu.



O ecologista gaúcho Lutzenberger

Artistas realizam manifestação de apoio ao encontro na av. Paulista

Da Reportagem Local

Com tintura de urucum no rosto, desenhos de cor preta pelo corpo e cocares e braçadeiras de penas, um grupo de cinco artistas plásticos —Maurício Villaga, Rodrigo dos Reis, Fernanda Amalfi, Jean-Jacques Vidal e Ozeas Duarte— promoveu no começo da tarde de ontem, na avenida Paulista, esquina com rua Augusta (região central de São Paulo), uma manifestação de apoio ao 1º Encontro das Nações Indígenas do Xingu.

Sem interromper o trânsito, eles abriram faixas de protesto na avenida e grafitaram um painel com motivos decorativos utilizados pela tribo Cararaó, que dá nome a uma das hidrelétricas cuja construção vem causando polêmica.

A antropóloga da Comissão Pró-

Índio de São Paulo, Leinad Ayer Santos, 37, uma das organizadoras do livro "As Hidrelétricas do Xingu e os Povos Indígenas", disse que a atitude da Eletrobrás e da Eletro-norte revela "descaso com as populações indígenas e ribeirinhas diante do impacto que devem sofrer com a construção de sete hidrelétricas na região". Segundo ela, o encontro é uma demonstração da "organização dos índios, que conseguiram levar representantes da imprensa internacional e estudiosos do mundo inteiro para Altamira".

Integrantes da tribo xavante da Reserva de Sangradouro (200 km a leste de Cuiabá-MT), onde vivem dez mil índios, tentam em São Paulo obter fundos para consertar o caminho que usam na agricultura. Eles têm pressa de voltar porque não se sentem bem na cidade.



Artista estende faixa com protesto